

APRENDIZAGEM E MOTIVAÇÃO: SUBSÍDIOS TEÓRICOS E PRÁTICOS

Adélia Maria Campos Ruiz (UNIPAR)

Eliane Campos Ruiz Leite (Esc. Est. Sen. Souza Naves)

Terezinha de Fátima Aguiar de Lima (UNIPAR)

RESUMO: Quando há elevada motivação entre professor e aluno, o clima motivacional se eleva e se traduz em relações de satisfação, de animação, interesse, colaboração etc. Todavia, quando há baixa motivação entre os membros, seja por frustração ou barreiras à satisfação das necessidades, o clima tende a abaixar-se, caracterizando-se por estados de depressão, desinteresse, apatia, insatisfação, etc., podendo, em casos extremos chegar a estados de agressividade, tumulto, inconformidade e completo desinteresse. Assim, este artigo objetiva contribuir para um aprofundamento no assunto ao apresentar reflexões sobre a importância da motivação no processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Motivação; professor-aluno; aprendizagem.

ABSTRACT: This paper aims at presenting reflections on the importance of motivation in the teaching-learning process. When there is a high-level of motivation between teachers and students the motivational atmosphere rises leading to relationships of collaboration, interest, enthusiasm and satisfaction. However, when there is low motivation between the members, either due to frustration or barriers, needs satisfaction and the atmosphere tend to lower, being characterized by states of depression, indifference, apathy, dissatisfaction, etc. Besides, in extreme cases, it can lead to aggressiveness, tumult disagreement and complete.

KEY WORDS: Motivation; teacher-student; learning.

INTRODUÇÃO

Pessoas convivem, trabalham, ensinam pessoas e portam-se como pessoas, isto é, reagem às outras pessoas com as quais entram em contato, comunicam-se, simpatizam e sentem aversões, aproximam-se, afastam-se, entram em conflito, competem, colaboram, desenvolvem o afeto. Durante toda a vida os seres humanos são motivados a serem desta ou daquela maneira.

Essas interferências ou reações, voluntárias ou involuntárias, intencionais ou inintencionais, constituem o processo de interação humana em que cada pessoa na presença de outra pessoa não fica indiferente a essa situação de presença estimuladora. O processo de interação humana é complexo, e ocorre permanentemente entre pessoas, sob forma de comportamentos manifestos e não manifestos, verbais e não verbais, pensamentos, reações mentais ou físico-corporais.

Assim, um olhar, um sorriso, um gesto, uma postura corporal, um deslocamento físico de aproximação ou afastamento constituem formas motivacionais e interferem no comportamento do outro.

Viver hoje é um desafio intelectual e emocional constante para todos, dentro da ambigüidade e incertezas das mudanças velozes e contínuas. É possível acompanhar as mudanças aprendendo novos conhecimentos, incessantemente? É possível estar preparado para mudanças inesperadas e súbitas? É possível antecipar mudanças?

Na cultura de hoje, industrializada e urbana nota-se ainda uma tendência, no relacionamento social, a tratar a pessoa como objeto, o qual pode ser possuído e manipulado. Esta tendência manipulativa reflete-se ainda como prática nas relações pai-filho, professor e aluno, mas o relacionamento humano é precioso demais em suas potencialidades para ser reduzido ao

nível de funcionamento de uma máquina.

Na busca deste direcionamento o educador deve estar certo de que seu papel social é sem dúvida, o de conduzir, e esta é uma função educativa. Portanto, nenhuma prática docente será eficiente, se não valorizar o ser humano em seu conjunto, ou seja, um ser de desejos, paixões e sonhos que necessitam ser interpretados para serem realizadas. A dimensão da motivação no relacionamento interpessoal transcende os estreitos limites da avançada tecnologia e, também, pode e deve desenvolver-se com intuição e criatividade.

Assim, os professores podem, não só entender os impulsos manifestados no comportamento de uma criança ou adolescente, como provocar o surgimento de desejos pessoais e sociais relacionados com o trabalho, a vida social, o conhecimento da natureza, os estudos, os jogos entre outras atividades, os seres humanos estão continuamente engajados no ajustamento a uma variedade de situações, no sentido de satisfazer suas necessidades e manter um equilíbrio emocional. Isto pode ser definido como um estado de ajustamento. Tal ajustamento não se refere somente à satisfação das necessidades fisiológicas e de segurança, mas, também, à satisfação das necessidades de pertencer a um grupo de estima, e de auto-realização. É a frustração dessas necessidades que causa muitos dos problemas de ajustamento. Como a satisfação dessas necessidades superiores depende muito de outras pessoas, particularmente daquelas que estão em posição de autoridade, torna-se importante para o educador compreender a natureza do ajustamento e do desajustamento das pessoas.

O ajustamento, como a inteligência ou as aptidões, varia de uma pessoa para outra e dentro do mesmo indivíduo de um momento para outro. Varia de um contínuo e pode ser

definido em vários graus, mais do que em tipos. Um bom ajustamento denota "saúde mental".

O estudo sobre a motivação vem se desenvolvendo rapidamente nas duas últimas décadas, e promete ampliar consideravelmente os conhecimentos sobre o tema para o futuro. Para tanto, busca demonstrar que o relacionamento do educando com a escola não pode ser encarado de forma simplista ou linear, como se apenas dependesse dos objetivos e preferências do professor, sem considerar o papel fundamental da auto-motivação.

A Natureza da Motivação

O estudo da motivação representa a busca de explicações para o comportamento humano. A busca das razões está apenas no seu início; não existe ainda uma compreensão completa deste tema tão empolgante.

Motivação não é algo que possa ser diretamente observado; infere-se a existência de motivação observando-se o comportamento. Um comportamento motivado se caracteriza pela energia relativamente forte nele despendida e por estar dirigida para um objetivo ou meta.

Alguns motivos como a fome, a sede, etc., são considerados não-aprendidos, isto é, "naturais na espécie". Apesar de serem independentes de aprendizagem para seu aparecimento, sabe-se que podem ser influenciados, pelo menos em parte, por ela.

Outros motivos são basicamente aprendidos. Aprende-se por exemplo, a desejar a aprovação social, a valorizar e almejar o dinheiro. Estes estímulos adquiriram o valor de incentivo porque foram associados à satisfação de necessidades básicas (comer, vestir, etc.) Pode-se observar a grande participação de aprendizagem em motivos como a necessidade de realização, por exemplo, apesar de ser difícil afirmar que motivos como esse sejam exclusivamente aprendidos.

Tanto no passado como no presente, os estudiosos da psicologia têm achado que uma descrição do comportamento que não levasse em conta esta outra espécie de fator, que hoje se chama motivação, estaria incompleta. Para Wadsworth (1992), a experiência comum revela tão vivamente a existência deste fator que, em toda a parte, os homens desenvolveram um vocabulário e um conjunto de idéias para explicá-lo e falar dele. Crescendo numa comunidade social, aprende-as os vocábulos e os conceitos predominantes. Estes parecem, em consequência, certos, naturais e de bom senso.

Várias centenas de palavras no vocabulário se referem a motivação: desejo, esforço, necessidade, motivo, objetivo, impulso, alvo, ambição, fome, sede, amor e vingança - e isso para indicar apenas algumas. Cada uma delas pode ser definida de modo um pouco diferente de todas as outras, mas seus sentidos se superpõe tanto que não há uma terminologia uniformemente aceita.

Motivação é um termo muito amplo que conclui praticamente tudo o que se deseja saber a respeito desse assunto. Tem três aspectos distintos segundo Moscovici (1985 p. 90), "algum estado motivador dentro da pessoa que a impele para algum objetivo; o comportamento que apresenta ao lutar por esse objetivo; a realização desse objetivo". Esses três aspectos de motivação normalmente são um ciclo. O estado motivador leva ao comportamento, o comportamento leva ao objetivo, e quando o objetivo é atingido o motivo se reduz, pelo menos

temporariamente.

Tanto no passado como no presente, os estudiosos da psicologia têm achado que uma descrição do comportamento que não levasse em conta esta outra espécie de fator, que hoje se chama motivação, estaria incompleta. Para Wadsworth (1992), a experiência comum revela tão vivamente a existência deste fator que, em toda a parte, os homens desenvolveram um vocabulário e um conjunto de idéias para explicá-lo e falar dele. Crescendo numa comunidade social, aprende-as os vocábulos e os conceitos predominantes. Estes parecem, em consequência, certos, naturais e de bom senso.

Várias centenas de palavras no vocabulário se referem a motivação: desejo, esforço, necessidade, motivo, objetivo, impulso, alvo, ambição, fome, sede, amor e vingança - e isso para indicar apenas algumas. Cada uma delas pode ser definida de modo um pouco diferente de todas as outras, mas seus sentidos se superpõe tanto que não há uma terminologia uniformemente aceita.

Motivação é um termo muito amplo que conclui praticamente tudo o que se deseja saber a respeito desse assunto. Tem três aspectos distintos segundo Moscovici (1985 p. 90), "algum estado motivador dentro da pessoa que a impele para algum objetivo; o comportamento que apresenta ao lutar por esse objetivo; a realização desse objetivo". Esses três aspectos de motivação normalmente são um ciclo. O estado motivador leva ao comportamento, o comportamento leva ao objetivo, e quando o objetivo é atingido o motivo se reduz, pelo menos temporariamente.

Através da aprendizagem, todos os tipos de problemas no ambiente podem tornar-se motivadores; despertam um motivo para sua solução. Por isso, os motivos não surgem apenas de dentro da pessoa, mas também de estímulos do ambiente.

A segunda fase do ciclo de motivação é algum tipo de "comportamento" provocado pelo impulso ou pela necessidade. Este comportamento é usualmente instrumental para chegar ao objetivo e, assim satisfazer o motivo subjacente. Se uma pessoa está sedenta, movimentada-se em busca de água.

A terceira fase é a realização do "objetivo". Quando a pessoa sedenta encontra água (o objetivo), bebe e satisfaz sua sede, o que por esse período, termina o ciclo de motivação.

Os objetivos na motivação podem ser positivos (a pessoa se aproxima do objetivo). Os objetivos negativos, a pessoa se distancia do objetivo, evita o objetivo. Os objetivos podem também ser aprendidos ou não. Um objetivo não aprendido, como o alimento, é um objetivo primário. Alguma coisa, por exemplo, o dinheiro, pode tornar-se um objetivo positivo aprendido quando a pessoa aprende a associá-lo com o objetivo primário de fome. Os motivos convergem quando um tipo de atividade satisfaz simultaneamente vários motivos, como a fome, a sociabilidade e a curiosidade. Os motivos podem, também, entrar em conflito quando o mesmo objetivo é positivo e negativo, ou quando a satisfação de um objetivo frustra a realização em outro.

Os motivos primários, são motivos não aprendidos, que são inatos ou aparecem com a maturação. Alguns tem uma base fisiológica, outros não. A fome e a sede são motivos primários com base fisiológica. Os motivos materno e sexual nos animais são regulados por hormônios, mas estes são menos importantes em seres humanos. Tanto as pessoas quanto os animais, têm motivos primários para estimulação sensorial,

para ter atividades e manipular objetos. De modo geral, os organismos têm um motivo para competência, isto é, um motivo para exercer o mais completamente possível suas capacidades.

Quase todos os motivos aprendidos nos seres humanos se ligam a outras pessoas, portanto, são motivadores sociais. Alguns motivos sociais, no entanto, não são aprendidos. Um deles segundo experimentos feitos com filhotes de macacos, é um motivo de afeição para "conforto de contato".

Vale frisar que os motivos que a maioria das pessoas desenvolve para aprovação social e amor próprio são aprendidos. Quase todas as pessoas também aprendem uma necessidade de realização para triunfar nas tarefas que empreendem. A necessidade de realização usualmente está em conflito com certo grau de medo de fracasso. A agressão, muitas vezes enumerada entre os motivos sociais, não é na realidade, um motivo permanente, mas uma imitação de comportamento agressivo observado em outras pessoas.

Motivação para a Aprendizagem

O termo motivação é de origem latina. No latim, o verbo "movere" significa por em movimento, mover. Quando se trata da Psicologia, o termo (motivo), motivação se refere quando o organismo é posto em movimento e diz-se que foi por este ou aquele motivo. Portanto, o motivo é o fator que determina o comportamento de uma pessoa numa dada situação. Um exemplo, é a sede que motiva o ato de beber. Como pode-se perceber, todo comportamento é motivado, porque é sempre um motivo que desperta, sustenta e dirige a atividade do organismo. Sabe-se que as crianças, na escola são motivadas a aprender muitas habilidades e a desenvolver suas principais capacidades.

No entender de Wadsworth (1992), a motivação para a aprendizagem consiste na concepção dos problemas que abrange a consideração dos motivos que levam o estudante a buscar suas capacidades, a desejar sua auto-realização como ser humano, a relacionar-se com outras pessoas de maneira satisfatória e a tornar-se um membro eficiente da sociedade em que vive. A motivação humana se mostra mais relevante para o processo de aprendizagem e para as técnicas de ensino. A decisão de aprender é um tipo de motivação que pode ser denominado "decisão de aprender", tipo específico de resolução a partir do qual o aluno pudesse dizer a si mesmo: "Eu preciso aprender". A "motivação aprender" significa, que o aluno está decidido a ser capaz de fazer alguma coisa, isto é, algo que pode ser alcançado como resultado da aprendizagem.

É importante notar que nos primeiros anos de vida, a motivação para realização de algo, significa querer ser capaz de fazer alguma coisa. O indivíduo conceitua seus objetivos em termos de ação. A própria ação pode ser mais ou menos útil do ponto de vista social. Os professores, às vezes, sustentam que o tipo de realização que os alunos têm em mente é serem capazes de sustentar uma discussão trivial sobre um determinado assunto, ao passo que, o que eles esperam é um tipo de ação de importância social bem maior, todavia, mesmo quando o desejo de "ser capaz de falar a respeito", é a única finalidade, ainda trata-se de uma forma de ação. Ao contrário, querer compreender a matéria, ou realmente entendê-la, ou ainda, gostar dela, são tipos de realizações para as quais os estudantes podem normalmente dirigir seus desejos pessoais.

É necessário ser um indivíduo bastante culto e amadurecido para saber o que significa o desejo de compreender.

Na opinião de Luck (1983), a aprendizagem de todo um assunto ou matéria, requer que a pessoa que aprende continue a manter o objetivo que tinha fixado para si próprio durante o período de tempo em que compreende as diversas atividades. É necessário encontrar meios para conservar o aluno interessado. Deve-se buscar meios que o mantenha motivado, a fim de poder prosseguir até alcançar e almejada aprendizagem.

Motivar significa fornecer um motivo para a aprendizagem, isto é, estimular a vontade de aprender. Motivação é o aproveitamento do interesse como motivo da aprendizagem. Na motivação do trabalho escolar é preciso levar em conta as diferenças individuais. Os incentivos da motivação não têm a mesma eficácia sobre crianças de várias idades e de diferentes graus de cultura.

A motivação é um fato psíquico de relação do sujeito com o objetivo, de duração variável, posto nunca instantâneo, caracterizado essencialmente pela implicação, em seu desenvolvimento, de toda a atividade espiritual do sujeito. Segundo Moscovici (1985), as fontes de motivação podem ser fontes internas ou intrínsecas e fontes externas ou extrínsecas. As fontes internas podem ser inatas ou adquiridas. As fontes inatas são: tendência ao jogo, à curiosidade, à imitação, tendência à experimentação, à cooperação, à competição. As fontes adquiridas são: os hábitos, as atitudes, os desejos e os ideais. As fontes externas constituem-se pelo elogio e a censura, a recompensa e o castigo, a personalidade do professor, o meio ambiente, a técnica de ensino, a matéria de ensino e o material de ensino.

Desta forma, as necessidades fisiológicas do organismo humano visam satisfazer as suas necessidades. A satisfação das principais necessidades permite o desenvolvimento e a conservação do organismo. Toda a vez que há uma necessidade o organismo tende a satisfazê-la, quando não satisfeita, ocorre o desequilíbrio orgânico.

Motivação para Aprender: Propostas- Metodológicas Aula Coletiva

A proposta de organizar os alunos em pequenos grupos para realizar algumas atividades em sala de aula se baseia no instinto gregário do ser humano, em sua necessidade de conviver e ser aceito pelo próximo. O interesse em se reunir, fazer parte de um grupo, se associar a outros humanos, é tão universal que é considerado uma das necessidades básicas de sobrevivência da espécie.

Singer (1997) ressalta que o desejo de pertencer a um grupo manifesta-se relativamente cedo, na pré-adolescência ou na puberdade, assim que meninas e meninos começam a se interessar por outras coisas além de EU e MIM - até então, alvo absoluto de suas atenções. A crescente complexidade do relacionamento social e do conhecimento científico apenas tornou essa divisão mais essencial para a espécie. É impossível uma pessoa sobreviver, hoje em dia, sem trocar bens ou serviços com outras pessoas.

Muitas vezes, a melhor maneira de apresentar um novo tema é a exposição oral, feita pela professora para a classe inteira. Ela pode escolher os pontos principais, destacá-los e lançar desafios para os alunos coletivamente, em poucos minutos. Em muitos casos, essa estratégia se mostra mais efetiva que um vídeo, ou uma dinâmica de motivação, pela combinação entre

resultados obtidos e tempo investido.

Para assegurar essa afetividade, entretanto, é preciso que a professora preste atenção em alguns aspectos relevantes destacados por Singer (1997):

- Destacar determinados aspectos do tema, usando-os como isca para atrair a atenção dos alunos (alunos desinteressados ficam inquietos);
- Seguir uma seqüência bem didática, mesmo que desrespeitando a cronologia dos acontecimentos descritivos (a ordem psicológica é mais importante que a cronológica);
- Assegurar que todos os alunos estejam participando, o que se pode perceber pelas perguntas, pelos comentários, ou mesmo pela expressão de concentração (a professora não deve ficar de costas para a classe, pois o contato visual, 'olho no olho', reforça a comunicação);
- Estimular a autodisciplina, lembrar as regras do convívio coletivo e garantir que sejam obedecidas (essas regras precisam ser estabelecidas logo no início do ano, com a participação de todos);
- Permitir a mais ampla oportunidade de expressão e explorar as diferenças de opinião, a diversidade de experiências e as variedades de estilo (ficar atenta aos mais tímidos, respeitar essa característica, mas incentivá-los a se superar);
- Deixar que os alunos encontrem as soluções, não antecipar respostas (explorar a curiosidade como elemento de motivação);
- Manter em níveis razoáveis a pressão do grupo sobre posições divergentes, chamar a atenção dos alunos para o esforço feito pelo coletivo para dissolver diferenças individuais (abrir espaço para as teses minoritárias e reduzir o impacto da maioria, que nem sempre está certa);
- Encerrar a atividade antes que se esgote o interesse pelo tema (deixar os alunos com gosto de 'quero mais').

Para o desenvolvimento da aula coletiva é importante que o professor esteja atento aos seguintes fatores: trabalho pessoal, diferenças individuais, indisciplina, atividades de grupo.

Trabalho Pessoal

Nada substitui o trabalho pessoal do processo de construção do conhecimento.

Para LINDGREN (1987), a elaboração mental de novas sínteses e a acomodação interna dos sistemas de conceitos e valores a partir de novas informações, trazidas pela exposição da professora, pela discussão em grupos, ou pela leitura de um texto esclarecedor constituem o momento íntimo, peculiar a cada pessoa, que fecha um ciclo de aprendizagem ao mesmo tempo que abre outro, numa espiral continuada.

A sala de aula é também um espaço em que essa reflexão deve ocorrer, sob a forma de uma redação, um relatório, um questionário, uma lista de associações de causa e efeito. Todavia, as discussões em grupo são importantes para passar a limpo certas idéias que, muitas vezes, cada um acalenta no seu íntimo e considera da maior relevância. O grande teste de uma idéia é sua apresentação a interlocutores capazes de apreciá-la. A exposição aos colegas pode mostrar erros e lacunas de um raciocínio que, na solidão do pensamento, parecia perfeito.

Diferenças Individuais

A professora deve aproveitar as sessões de grupo para, passeando entre as equipes, observar e conhecer melhor o estilo de cada aluno. Nesse processo, ela deve estar atenta para corrigir os

exageros tão comuns na adolescência, incentivando os mais tímidos e contendo os exibidos. Deve ficar claro para o grupo que a participação de todos torna melhor o resultado.

Lindgren (1987), relata que uma das maiores preocupações dos professores quanto ao trabalho em grupos é que quem conduz o assunto são os próprios alunos; isso pode levar cada grupo a um ponto diferente. Movidos por seu interesse e pela curiosidade, os alunos podem perder o fio da proposta feita inicialmente.

Para evitar que algum grupo se afaste demais do tema, a professora deve acompanhar as discussões de cada um, sempre abrindo espaço para as modificações espontâneas.

Sem dúvida, a aula coletiva é a alternativa mais econômica em termos de tempo. Entretanto, é preciso lembrar que o tempo investido em uma discussão em pequenos grupos gera outros ganhos, além da introdução do tema.

O exercício de expor as próprias idéias e, para isso, dar forma a pensamentos até então nebulosos, perceber como essas idéias são recebidas pelos colegas, ouvir o outro e analisar os pontos comuns e as divergências, buscar uma saída negociada, um compromisso entre as posições apresentadas, estabelecendo alianças baseadas em valores e conceitos - tudo isso vale o tempo a mais requerido pelo trabalho em grupos. Assim, a organização do calendário deve contemplar uma combinação ajustada de estratégias didáticas.

Indisciplina

Para que os objetivos do trabalho em grupo sejam alcançados, é preciso flexibilizar os critérios de ordem e disciplina. Um pouco mais de barulho (vozes, arrastar de cadeiras, risadas...) é um preço baixo a pagar, se o desenvolvimento da atividade assim o exigir. E, geralmente, exige!

Na opinião de Barreto (1992), a ordem e a disciplina devem ser avaliadas com base na adesão à proposta de trabalho, no envolvimento com a tarefa e na manutenção de condições ambientais satisfatórias. Quer dizer, que cada equipe fale, discuta, argumente, num tom de voz que não impeça aos colegas da equipe vizinha ouvir o que dizem seus próprios componentes.

Atividades em grupo

As atividades em grupo devem ser adaptadas pela professora, que levará em conta a idade e a série de seus alunos, as condições da escola e a adequação das atividades aos objetivos do currículo. A própria prática irá sugerindo variações, aumentando a diversidade da proposta e incentivando a participação dos alunos.

É importante analisar o processo de composição dos grupos. Existem várias possibilidades, que devem ser alternadas. A livre escolha entre colegas é interessante, mas exige a atenção da professora para lidar com os que não costumam ser escolhidos.

Por outro lado, é importante que os alunos se

acostumem a trabalhar com quem for preciso, ainda que prefiram escolher os companheiros, nem sempre isso vai ser possível na vida real. Quanto maior a variedade de pessoas com quem eles dividem tarefas na escola, maiores serão as probabilidades de adaptação à diversidade do mundo lá fora.

E agora, quanto à avaliação? Como avaliar o trabalho em grupo? O que precisa ser avaliado? Toda avaliação procura medir, de alguma forma, até que ponto o objeto foi alcançado. Se o objetivo for estimular a curiosidade em relação a um tema, por exemplo, os participantes devem avaliar em que medida isso foi conseguido. Quando o objetivo é conhecer melhor um assunto, através de pesquisa em materiais extraclasse, a avaliação deve medir se o nível desse conhecimento mudou, no final da atividade.

Notas, conceitos, graus: a medida pode variar. Pode-se desenvolver a capacidade de análise e julgamento dos alunos, oferecendo-lhes oportunidades de criticar e avaliar o trabalho realizado.

CONCLUSÃO

Concluiu-se que a motivação abrange não só a aprendizagem através da instrução mas, também, um objetivo.

A aprendizagem na escola deve desenvolver e fortalecer pela direção, instrução e orientação, os poderes, capacidades, aptidões de perceber, sentir, imaginar, lembrar, pensar, julgar, raciocinar e querer. A eficácia da escola em desenvolver conhecimentos valiosos, habilidades, hábitos, atitudes, idéias e virtudes que possibilitarão o indivíduo a enfrentar eficientemente os problemas da vida, depende da possibilidade de transferir eficientemente a aprendizagem. É então, na medida da transferência de aprendizagem, que o grau pelo qual os poderes, aptidões e habilidades do indivíduo funcionam nas situações da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Vicente. **Educação e violência**: reflexões preliminares. São Paulo: Cortez, 1992.
- LINDGREN, Henry Clay. **Psicologia na sala de aula**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1987.
- LUCK, Heloisa & CARNEIRO, Dorothy Gomes. **Desenvolvimento afetivo na escola**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda, 1985.
- SINGER, Helena. **República de crianças**. Sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: Fapesp/Hucitec, 1997.
- WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1992.